

A SEMANA – 96

John Gledson

Machado dá um mergulho no passado, em parte sem dúvida para fugir do presente: mesmo assim, sente-se certa ânsia em levar o (jovem) leitor consigo. As lembranças são da infância (o cantor), e dos anos 1860 (os amigos escritores e a ópera nacional), e finalmente da Guerra do Paraguai. O assunto não é só o tempo passado, é a rapidez, a aceleração das mudanças. Como noutros momentos, o divisor de águas é o fim da década de 1860 e o começo de 1870 – o fim da Guerra do Paraguai e a Lei do Ventre Livre, de setembro de 1871. No fim, na igreja com pouca gente (em parte por causa da fuga de muitos para escapar do conflito naval), o cronista contrapõe o pessimismo do Eclesiastes, um dos livros da Bíblia que mais cita, com a esperança de calma e justiça representada pelo Sermão da Montanha.

Esta crônica consta de *A Semana*, de Mário de Alencar, p. 123-127.



A SEMANA – 96

25 de março de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

A semana foi santa, – mas não foi a semana santa que eu conheci, quando tinha a idade de mocinho nascido depois da guerra do Paraguai. Deus meu! Há pessoas que nasceram depois da guerra do Paraguai! Há rapazes que fazem a barba, que namoram, que se casam, que têm filhos, e, não obstante, nasceram depois da batalha de Aquidabã!¹ Mas então que é o tempo? É a brisa fresca e preguiçosa de outros anos, ou este tufão impetuoso que parece apostar com a eletricidade? Não há dúvida que os relógios, depois da morte de López, andam muito mais depressa. Antigamente tinham o andar próprio de uma quadra em que as notícias de Ouro Preto gastavam cinco dias para chegar ao Rio de Janeiro. Ia-se a S. Paulo por Santos. Ainda assim, na semana, os estudantes de direito desciam a serra de Cubatão e vinham tomar o vapor de Santos para o Rio. Que digo? Caso houve em que vieram unicamente assistir à primeira representação de uma peça de teatro. Lembras-te, Ferreira de Meneses? Lembras-te, Sizenando Nabuco?² Não respondem; creio que estão mortos.

Aí vou escorregando para o passado, coisa que não interessa no presente. O passado que o jovem leitor há de saborear é o presente, lá para 1920, quando os relógios e os almanaques criarem asas. Então, se ele escrever nesta coluna, aos domingos, será igualmente insípido com as suas recordações: “Tempo houve (dirá ele) em que o primeiro Frontão³ da rua do Ouvidor, descendo, à esquerda, perto da rua de Gonçalves Dias, era uma confeitaria, a confeitaria Pascoal. Este nome, que nenhuma comoção

¹ À margem do rio Aquidabã, Francisco Solano López foi morto, em março de 1870, por ocasião do combate de Cerro Corá, o que pôs fim à Guerra do Paraguai.

² José Inácio Gomes Ferreira de Meneses (1845-1881), jornalista, teatrólogo e poeta, amigo e colega de Machado na juventude de ambos. Em *O Futuro* (31 de janeiro de 1863) Machado escreveu uma crítica amistosa mas honesta da peça *A mancenilha*, da lavra dele; dispomos de três cartas de Meneses para Machado, todas da década de 1860. Sizenando Nabuco (1842-1892), irmão mais velho de Joaquim, dramaturgo, advogado e político. A amizade com Sizenando, apenas três anos mais novo que Machado, talvez fosse mais íntima que com o irmão mais famoso: também dele dispomos de três cartas para Machado, da mesma década de 60.

³ Esta palavra está escrita, assim, com inicial maiúscula; era uma casa de jogo, onde se apostava na pelota; o cronista estará insinuando que em 1920 essa instituição recente se terá alastrado.

produz na alma do rapaz nascido com o século, acorda em mim saudades vivíssimas. A casa da mesma rua, esquina da dos Ourives, onde ainda ontem (perdoem ao guloso) comprei um excelente paio, era uma casa de joias, pertencente a um italiano, um Farani, César Farani, creio, na qual passei horas excelentes.⁴ Fora, fora, memórias importunas!”

Assim poderá escrever o leitor, em 1920, nesta ou noutra coluna,⁵ e para os jovens desse ano não será menos aborrecido.

Mas, por isso mesmo que os há de enfadar, deixe-me enfadá-lo um pouco, repetindo que a semana santa que acabou ontem ou acaba hoje não é a semana santa anterior à passagem do Passo da Pátria ou ao último ministério Olinda.⁶

As semanas santas de outro tempo eram, antes de tudo, muito mais compridas. O domingo de Ramos valia por três. As palmas que se traziam das igrejas eram muito mais verdes que as de hoje, mais e melhor. Verdadeiramente já não há verde. O verde de hoje é um amarelo escuro. A segunda-feira e a terça-feira eram lentas, não longas; não sei se percebem a diferença. Quero dizer que eram tediosas, por serem vazias.⁷ Raiava, porém, a quarta-feira de trevas; era o princípio de uma série de cerimônias, e de ofícios, de procissões, de sermões de lágrimas, até o sábado de aleluia, em que a alegria reaparecia, e finalmente o domingo de Páscoa que era a chave de ouro.

Tenho mais critério que meu sucessor de 1920; não quero matá-lo com algumas notícias que ele não há de entender. Como entender, depois da passagem de Humaitá,⁸ que as procissões do enterro, uma de S. Francisco de Paula, outra do Carmo,⁹ eram tão compridas que não acabavam mais? Como pintar-lhe os andores, as filas de tochas inumeráveis, as Marias Beús,¹⁰ segundo a forma popular, o centurião, e tantas outras partes da cerimônia, não contando as janelas das casas iluminadas, acolchoadas e atonetadas de moças, bonitas, – moças e velhas, – porque já naquele tempo havia algumas pessoas velhas, mas poucas. Tudo era da idade e da cor das palmas verdes. A velhice é uma ideia recente. Data do berço de um menino que eu vi nascer com o ministério Sinimbu.¹¹ Antes deste, – ou mais exatamente, antes do ministério Rio

⁴ Já na crônica de 13 de fevereiro de 1889, de “Bons Dias!”, Machado mencionou estas duas lojas

⁵ Esta vírgula, presente na edição Aurélio, não está no jornal.

⁶ Passo da Pátria: o nome dado à invasão do Paraguai pelas tropas da Tríplice Aliança, em abril de 1866; o último ministério chefiado pelo liberal marquês de Olinda durou de 12 de maio de 1865 a 3 de agosto de 1866, quando foi substituído por Zacarias de Góis.

⁷ Mário de Alencar e Aurélio ambos têm “várias”, que será uma leitura correta do jornal (a palavra infelizmente não se lê bem no microfilme), mas não se tratará de um erro dos revisores?

⁸ Momento-chave da Guerra do Paraguai, a 19 de fevereiro de 1868, quando a esquadra brasileira transpôs a posição mais forte dos paraguaios, numa curva do rio Paraguai.

⁹ Duas das igrejas mais importantes do centro da cidade, a primeira no largo de S. Francisco, no fim da rua do Ouvidor, a segunda, outrora a Capela Imperial, na rua Primeiro de Março.

¹⁰ A Maria Beú é a figura de Santa Verônica nas procissões de Semana Santa, ainda em alguns lugares do interior. Ela canta a Jesus, e desenrola um fac-símile do véu com que limpou o suor dele. No YouTube há vários vídeos dessas figuras, todos de Oeiras, Piauí.

¹¹ Ministério liberal, chefiado por João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu, que subiu em 5 de janeiro de 1878.

Branco,¹² – tudo era juvenil no mundo, não juvenil de passagem, mas perpetuamente juvenil. As exceções, que eram raras, vinham confirmar a regra.

Não entenderíeis nada. Nem sei se chegareis a entender o que me sucedeu agora, indo ver o ofício da Paixão em uma igreja. Outrora, quando de todo o sermão da montanha eu só conhecia o padre-nosso, a impressão que recebia era mui particular, uma mistura de fé e de curiosidade, um gosto de ver as luzes, de ouvir os cantos, de mirar as alvas e as casulas, o hissope e o turíbulo. Entrei na igreja. A gente não era muita; sabe-se que parte da população está fora daqui. Metade dos fiéis ali presentes eram senhoras, e senhoras de chapéu. Nunca me esqueceu o escândalo produzido pelos primeiros chapéus que ousaram entrar na igreja em tais dias; escândalo sem tumulto,¹³ nada mais que murmuração. Mas o costume venceu a repugnância, e os chapéus vão à missa e ao sermão. Algumas senhoras rezavam por livros, outras desfiavam rosários, as restantes olhavam só ou rezariam mentalmente. Não quero esquecer um velho cantor de igreja, que ali achei, e que, em criança, ouvira cantar nas festas religiosas; creio que nunca fez outra coisa, salvo o curto período em que o vi no coro da defunta Ópera Nacional.¹⁴ Que idade teria? Sessenta, setenta, oitenta...

Soou o cantochão. Chegou-me o incenso. A imaginação deixou-se-me embalar pela música e inebriar pelo aroma, duas fortes asas que a levaram de oeste a leste. Atrás dela foi o coração, tornado à simpleza antiga. E eu ressurgi, antes de Jesus. E Jesus apareceu-me antes de morto e ressuscitado, como nos dias em que rodeava a Galileia, e, abrindo os lábios, disse-me que a sua palavra dá solução a tudo.

– Senhor, disse eu então, a vida é aflitiva, e aí está o Eclesiastes que diz ter visto as lágrimas dos inocentes, e que ninguém os consolava.

– Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.

– Vede a injustiça do mundo. “Nem sempre o prêmio é dos que melhor correm:¹⁵ diz ainda o Eclesiastes, e tudo se faz por encontro e casualidade.”

– Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.

– Mas é ainda o Eclesiastes que proclama haver justos, aos quais provêm males...

– Bem-aventurados os que são perseguidos por amor da justiça, porque deles é o reino do céu.¹⁶

¹² Ministério conservador, chefiado por José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco, dos mais importantes do império, que durou de 7 de março de 1871 a 25 de junho de 1875 e foi responsável pela Lei do Ventre Livre.

¹³ Essa vírgula, ausente no jornal, está na edição revista por Aurélio.

¹⁴ A Ópera Nacional, fundada em 1857 pelo espanhol exilado d. José Amat, foi uma tentativa de promover óperas nativas, apresentando “cada ano, pelo menos uma nova ópera brasileira”. Conseguiu apresentar cinco óperas de brasileiros natos (inclusive *A noite do castelo*, de Carlos Gomes), e duas de estrangeiros radicados no Brasil. Foi extinta em 1863.

¹⁵ Os dois-pontos estão no jornal: Aurélio substitui por vírgula.

¹⁶ Eclesiastes 4:1; 9:11; 8:14, S. Mateus 5:4; 5:6; 5:10.

E assim por diante. A cada palavra de lástima respondia Jesus com uma palavra de esperança. Mas já então não era ele que me aparecia, era eu que estava na própria Galileia, diante da montanha, ouvindo com o povo. E o sermão continuava. Bem-aventurados os pobres de espírito. Bem-aventurados os pacíficos. Bem-aventurados os mansos...

